

Luiz Vilela

# O Filho de Machado de Assis

NOVELA

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Vilela, Luiz

V755f O filho de Machado de Assis / Luiz Vilela. – 1ª ed. –  
Rio de Janeiro: Record, 2016.

ISBN 978-85-01-07886-5

1. Novela brasileira. I. Título.

16-34399

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Luiz Vilela, 2016

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

---

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07886-5

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Naquela manhã, uma bela manhã de sábado, eu preparava-me para ir à praia, onde me encontraria com a minha namorada, quando o telefone tocou.

Era o Professor Simão.

“Mac, você já levantou?”

“Já, professor, já estou de pé.”

Mac, não preciso dizer, Mac sou eu. Mac para os íntimos. Para os não íntimos, Telêmaco. Mineiro, 22 anos, formado em Letras. Algo mais?

“Preciso muito falar com você”, disse o professor.

“O que houve?”, eu perguntei. “O senhor foi assaltado?”

“Não, por enquanto não.”

“É alguma doença?”

“Não, não”, ele disse, com uma certa impaciência.

O professor, além da idade, tinha sérios problemas circulatórios, e foi um pouco nisso que eu pensei àquela hora. Mas ele disse que não, nem assalto, nem doença — “nenhuma dessas irrelevâncias”, como explicou.

“O que eu tenho a lhe dizer é uma coisa importantíssima!”

Olhei para a minha sacola de praia no chão, já sabendo que o meu programa dançara.

“O senhor não poderia me dizer por telefone?”, tentei ainda.

“Não, não”, ele respondeu. “Nem pensar. Se até as paredes têm ouvidos, que dirá o fio de telefone. Ainda mais hoje, quando todo mundo bisbilhota a vida de todo mundo, e acha isso normal — e acha isso normal.”

Bisbilhotar — uma palavra engraçada, eu pensei. Qual seria a origem dela?

“O que eu tenho a lhe dizer”, continuou o professor, “o que eu tenho a lhe dizer é tão importante quanto um segredo de Estado.”

O que seria?, pensei, intrigado. Fosse o que fosse, eu vi que eu não tinha escapatória: eu tinha mesmo de ir à casa do professor. Era um sacrifício não ir à praia — mas o que eu não fazia por aquele velho maluco?

E depois, diabo, havia ainda o resto do dia, eu podia ir à praia à tarde. E se não desse, havia os outros dias do feriadão. O Natal caía na terça; tínhamos, portanto, com o sábado, quatro dias. Ulalá!...

“Está bem, professor”, eu disse, meio contrariado, mas sem deixar que ele o percebesse. “Daqui a pouco eu chego aí; uns vinte minutos talvez, dependendo do trânsito.”

“O trânsito hoje é tranquilo”, ele disse, taxativo.

“Tomara que sim”, eu disse.

“Estou te esperando”, ele encerrou, sem mais conversa.

Troquei a camiseta por uma camisa, o calção por uma bermuda, as havaianas por um tênis, e empurrei para um lado a sacola.

E aí... Aí a parte mais difícil da história: falar com a minha namorada, Luana.

Eu tecliei — e respirei fundo:

“Bem, eu não vou poder ir à praia...”

“Por quê?”

“O Professor Simão, sabe? Ele me ligou: ele está precisando de mim lá.”

“E eu?”

“Você o quê?”

“Eu não estou precisando?”

“Precisando de quê?”

“De você, poxa!”

Eu às vezes sou meio desligado; depois é que eu percebo.

“Pode estar, bem”, eu disse, calmamente, “mas não como o professor.”

“Como que você sabe?”

“Não é que eu sei; é que...”

“É que o quê?”

“A gente pode ir à praia à tarde”, eu sugeri.

“À tarde, não.”

“Por quê?”

“Porque eu não gosto de ir à praia à tarde, Mac; você sabe disso.”

“Então vá agora, uai; você não ia?”

“Ia, mas com você; não foi isso o que nós combinamos?”

“Foi, bem, foi isso; mas o professor...”

“Quem é mais importante? Eu ou o professor?”

“Os dois são importantes.”

“Não, responde: quem é mais importante?”

Ô menina complicada... Não fosse ela tão bonita, eu já... Mas deixa isso pra lá...

Bom: eu acabei convencendo-a a irmos à praia à tarde.

Agora, depois daqueles minutos ao telefone, era andar rápido e sair para a casa do professor.

O professor morava em Santa Teresa, num sobradinho. Solteirão, ele ficava sozinho, mas tinha uma empregada, que ia lá duas vezes por semana, às terças e aos sábados, e fazia todo o serviço.

Foi ela, Maria — que me conhecia de outras vezes —, quem me abriu a porta.

“O que houve com o professor?”, ela me perguntou, preocupada.

“Não sei”, eu disse, “mas acho que já saberei.”

“Ele está muito agitado”, ela disse. “Eu nunca vi ele assim.”

O professor estava em seu escritório, a vasta cabeleira branca toda desgrenhada.

“O final do *Brás Cubas*”, me disse ele, mal me cumprimentando e apontando o dedo para mim como se fosse um revólver e ele estivesse dizendo: “A bolsa ou a vida.”

Eu, meio aparvalhado — boa palavra essa —, eu só olhei para ele.

“O final do *Brás Cubas*”, ele tornou a dizer, mais alto. “Você não sabe?”

“Sei, professor”, respondi, meio zangado, “claro que eu sei.”

“Pois então diga!”

Eu disse:

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

“Mentira!”, disse o professor.

“Mentira?”, eu perguntei, sem entender.

“Mentira”, ele repetiu. “Mentira deslavada!”

Eu me calei. Calei e fiquei olhando-o: será que o professor tinha pirado?

“Senta”, ele disse, baixando o tom e me indicando a antiga cadeira de braços, na qual eu sempre me sentava.

“Te liguei várias vezes ontem, à noite”, ele disse, chateado.

“Eu estava no bar, com alguns amigos, professor.”

“Liguei para o celular também.”

“Meu celular estava desligado.”

“Então para que serve essa porcaria?”

Eu não respondi.

Francamente: tinha hora que eu tinha vontade de mandar o professor àquilo...



“Perdão, Mac”, ele disse de repente, pondo a mão na minha cabeça, num gesto de afeição; “perdão, rapaz...”

“Não foi nada”, eu disse.

“Eu estou meio passado”, ele se justificou; “posso dizer que não dormi nada essa noite; quando muito, umas duas horas.”

“É?...”, eu me admirei.

“Te ligar essa hora... Eu sei que sábado, de manhã, você gosta de ir à praia...”

“Não, mas hoje eu não estava a fim, não”, menti descaradamente, para deixá-lo à vontade.

“Desculpe”, ele disse, “me desculpe...”

Eu fiz um gesto de não-tem-nada-não.

Ele então, já mais tranquilo, sentou-se à sua mesa.

“Mas então, professor”, eu perguntei, “o que afinal aconteceu?...”

“O que aconteceu, meu caro”, ele disse, “o que aconteceu foi algo de importante demais para que eu pudesse guardar só para mim. Eu precisava partilhar isso com alguém — e com quem mais poderia eu fazê-lo se não fosse com você, que é de minha estrita confiança?”

“Obrigado, professor”, eu disse, lisonjeado, “muito obrigado pela consideração.”

“Mas é verdade”, ele disse.

“Eu, de qualquer forma, não poderia deixar de vir aqui”, eu disse. “Eu sou muito grato ao senhor por tudo o que o senhor fez por mim.”

“Você é”, ele disse, “mas poucos são. Gratidão é uma coisa muito rara, muito mesmo...”

Eu sacudi a cabeça, concordando.

“Você conhece a passagem dos *Evangelhos*...”

“Qual, professor?”, eu perguntei.

“A dos cegos, a dos dez cegos que Cristo curou.”

“Sei”, eu disse.

“Conhece?”

“Conheço”, eu disse.

Eu não sabia é se lá na *Bíblia* ainda estaria assim ou se já teriam mudado para “dez deficientes visuais”...

“Pois é: dos dez cegos, só um voltou para agradecer.”

Eu sacudi a cabeça.

“Eu”, ele disse, “eu não curei nenhum cego, mas acho que, como professor, eu fiz bem a algumas pessoas. Poderia talvez dizer que curei a cegueira mental delas.”

“É verdade”, eu disse.

“Mas, dessas pessoas, quantas voltaram para me agradecer?...”

“É...”, eu disse.

“Agora”, ele continuou, “algumas voltaram, mas voltaram não para me agradecer: voltaram para me jogar pedra.”

Eu sacudi a cabeça.

“Cristo teve mais sorte; pelo menos nenhum cego voltou para jogar pedra nele.”

Mas também, pensei, se voltasse e fosse jogar, decerto não ia acertar uma, né?

Isso, claro, eu só pensei; imagine se eu o dissesse... O professor me expulsaria a pontapés...

“Bem”, ele disse, tirando os óculos e pondo-os na mesa: “você já ouviu falar em ‘atirou no que viu e acertou no que não viu’...”

“Já”, eu disse.

“Pois então; foi isso, foi exatamente isso o que aconteceu comigo.”

“Hum.”

“Estava eu fazendo uma pesquisa para um trabalho — o trabalho não vem ao caso, é de sobremesas —, estava eu lá, na Biblioteca Nacional, mergulhado naquela papelada antiga, quando de repente, numa passagem de...”

“De...”, eu repeti, esperando.

Ele deu um sorriso, um sorriso meio maroto.

“Me desculpe, meu caro; apesar de toda a minha confiança em você, confiança que ainda há pouco acabei de reiterar, eu não vou dar todos os detalhes do que eu quero lhe contar. Para lembrar outra expressão popular, eu vou contar o milagre; o santo fica para depois...”

“Está bem, professor, não se preocupe; eu saberei esperar pelo santo...”

“É que... Bom, disso depois falaremos...”